

BAKHTIN, DIALOGISMO E
CONSTRUÇÃO DO SENTIDO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI

MARCO AURÉLIO CREMASCO – MARIA TERESA DUARTE PAES

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

ORGANIZAÇÃO

BETH BRAIT

BAKHTIN, DIALOGISMO E
CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

2ª EDIÇÃO REVISTA

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Bakhtin, dialogismo e construção do sentido / organização: Beth Brait. –
B179 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

1. M. M. Bakhtin (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975. 2. Lingüística.
3. Análise do discurso. 4. Literatura – Estética. I. Beth Brait. II. Título.

CDD 410

415

ISBN 85-268-0682-3

801.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Lingüística	410
2. Análise do discurso	415
3. Literatura – Estética	801.93

Copyright © by Beth Brait

Copyright © 2005 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1997

2ª edição, 2005

7ª reimpressão, 2023

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Este livro é dedicado a Boris Schnaiderman,
mestre de todos nós.*



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
--------------------	----

ABERTURA

BAKHTIN 40 GRAUS (UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA) (<i>Boris Schnaiderman</i>)	13
--	----

PARTE I

BAKHTIN E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A TEORIA DA LINGUAGEM

CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN ÀS TEORIAS DO DISCURSO (<i>Diana Luz Pessoa de Barros</i>)	25
--	----

M. BAKHTIN EM M. PÊCHEUX: NO RISCO DO CONTEUDISMO (<i>Eni Puccinelli Orlandi</i>)	37
--	----

POÉTICAS DA LINGUAGEM DE BAKHTIN A GLISSANT (<i>Daniel Delas</i>)	47
--	----

DIALOGIZAÇÃO ENUNCIATIVA E PAISAGENS DO SUJEITO (<i>Patrick Dahlet</i>)	55
--	----

PARTE II

ENUNCIÇÃO E SENTIDO EM BAKHTIN

BAKHTIN E A NATUREZA CONSTITUTIVAMENTE DIALÓGICA DA LINGUAGEM (<i>Beth Brait</i>)	87
---	----

SIGNIFICAÇÃO E FORMA LINGÜÍSTICA NA VISÃO DE BAKHTIN (<i>Luiz Francisco Dias</i>)	99
--	----

O OUTRO DA PERSONAGEM: ENUNCIÇÃO, EXTERIORIDADE E DISCURSO (<i>Mónica Graciela Zoppi-Fontana</i>)	108
A DIALOGIA E OS EFEITOS DE SENTIDO IRÔNICOS (<i>Maria Lília Dias de Castro</i>)	119

PARTE III
BAKHTIN, GÊNEROS DO DISCURSO E DIALOGISMO

OS GÊNEROS E O CORPO DO ACABAMENTO ESTÉTICO (<i>Irene A. Machado</i>)	131
A NOÇÃO DE “GÊNERO DISCURSIVO” EM BAKHTIN: UMA MUDANÇA DE PARADIGMA (<i>Daniel Faïta</i>)	149
ENUNCIADOS INTERROMPIDOS: SÃO ELES INACABADOS? (<i>Maria Cecília Pérez de Souza e Silva</i>)	169
ESTRUTURA DA NARRATIVA OU GÊNEROS, MUNDOS, LUGARES DISCURSIVOS & COMPANHIA? (<i>Lélia Erbolato Melo</i>)	177

PARTE IV
BAKHTIN, ROMANCE E DIALOGISMO

“DIALOGISMO” E ROMANCE OU BAKHTIN VISTO ATRAVÉS DE DOSTOIÉVSKI (<i>Frédéric François</i>)	187
A CONSTRUÇÃO DAS VOZES NO ROMANCE (<i>Cristovão Tezza</i>)	209
O ROMANCE E A SIMULAÇÃO DO FUNCIONAMENTO REAL DO DISCURSO (<i>José Luiz Fiorin</i>)	218
TRANSMISSÃO DO DISCURSO ALHEIO E FORMAS DE DIALOGISMO EM <i>VIDAS SECAS</i> , DE GRACILIANO RAMOS (<i>Maria Celina Novaes Marinho</i>)	235

PARTE V
VOZ, CORPO, FALA E ESCRITA EM BAKHTIN

A ENTONAÇÃO NO DIALOGISMO BAKHTINIANO (<i>Véronique Dahlet</i>)	249
ESCRITA, LEITURA, DIALOGICIDADE (<i>Helena H. Nagamine Brandão</i>)	265

PARTE VI
BAKHTIN E SEUS INTERLOCUTORES

O MARXISMO NEOKANTIANO DO PRIMEIRO BAKHTIN (<i>Iná Camargo Costa</i>)	277
BAKHTIN E A LINGÜÍSTICA ATUAL: INTERLOCUÇÕES (<i>Dóris de Arruda C. da Cunha</i>)	287
NOS TEXTOS DE BAKHTIN E VIGOTSKI: UM ENCONTRO POSSÍVEL (<i>Maria Teresa de Assunção Freitas</i>)	295
MIKHAIL BAKHTIN E WALTER BENJAMIN: POLIFONIA, ALEGORIA E O CONCEITO DE VERDADE NO DISCURSO DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA (<i>Solange Jobim e Souza</i>)	315

PARTE VII
QUESTÕES DE TRADUÇÃO DA OBRA BAKHTINIANA

QUESTÕES DE LITERATURA E DE ESTÉTICA: A TEORIA DO ROMANCE (<i>Homero Freitas de Andrade</i>)	335
O IRREVERSÍVEL E O ÁPORO (<i>Elias Ribeiro de Castro</i>)	340
TRADUÇÃO: UM DIÁLOGO ÀS AVESAS? (<i>Sheila Lima</i>)	351
COMENTÁRIOS À MESA-REDONDA: QUESTÕES DE TRADUÇÃO NA OBRA DE BAKHTIN (<i>Aurora Fornoni Bernardini</i>)	363



APRESENTAÇÃO

Em novembro de 1995, o Departamento de Lingüística da FFLCH–USP, com apoio da FAPESP e do CNPq, realizou o Colóquio Internacional Dialogismo: 100 Anos de Bakhtin, projetado como forma de homenagear os 100 anos do nascimento de Mikhail Bakhtin, teórico russo cujas reflexões sobre a linguagem têm marcado diferentes áreas do conhecimento, e também como proposta de reunião de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que pudessem discutir, problematizar e mostrar as diferentes maneiras como as teorias bakhtinianas vêm sendo trabalhadas atualmente. Na verdade, essa proposta procurou retomar e dar continuidade a iniciativas anteriores de grupos de estudiosos brasileiros que introduziram os temas bakhtinianos em discussões científicas, como aconteceu em 1987, na Universidade Federal do Paraná, e em 1990, na Universidade Federal de Pernambuco.

Enquanto atividade prevista pelo projeto Construção do Sentido e Aquisição das Línguas, que se insere no Acordo Internacional CAPES–COFECUB mantido entre a Universidade de São Paulo e a Université de Paris X–Nanterre, o encontro foi precedido por palestras mensais que, ao longo do ano letivo de 1995, prepararam o colóquio, envolvendo pesquisadores, alunos e professores da graduação e da pós-graduação na discussão e nas formas de recepção das teorias bakhtinianas.

Após essa preparação, a realização do colóquio no Centro Cultural Universitário Maria Antônia, no período de 16 a 18 de novembro, envolveu mais de 200 pessoas, incluindo professores e estudantes de várias regiões do Brasil e também pesquisadores estrangeiros.

Bakhtin, dialogismo e construção do sentido é, portanto, um livro que reúne artigos de especialistas brasileiros e franceses diretamente envolvidos com as questões debatidas no colóquio e que, a partir dele, elaboraram os textos aqui expostos. As partes que compõem a obra não refletem a estrutura do encontro, mas os temas que, caracterizando as especificidades do pensamento bakhtiniano, constituem um instigante diálogo com a teoria da linguagem como um todo.

Se a pertinência do livro fica por conta de uma homenagem que, ao mesmo tempo, procura contribuir para sistematização e divulgação de formas de presença das idéias desse pensador russo no Brasil, a abertura só poderia ser feita pelo mestre de todos nós, Boris Schnaiderman, presidente de honra do colóquio e instaurador da polifonia das vozes bakhtinianas brasileiras.

Além das instituições envolvidas na possibilidade de realização desse grande debate sobre dialogismo, como é o caso do Departamento de Lingüística e da Área de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral da Universidade de São Paulo, da CAPES–COFECUB, da FAPESP e do CNPq, muitas pessoas contribuíram para a realização deste livro. Os autores, empenhados no redimensionamento do texto; os tradutores dos textos franceses, que naturalmente concordam com o merecido destaque para a professora Maria Sabina Kundman, incansável e competente colaboradora; o secretário do Departamento de Lingüística, Ben-Hur Eusébio, pela tranqüila e diplomática disposição com que lidou com o misterioso universo dos prazos, disquetes e textos.

Beth Brait

ABERTURA

BAKHTIN 40 GRAUS (UMA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA)*

*Boris Schnaiderman***

Fiquei muito sensibilizado com esta homenagem, que me é prestada pelos colegas do Departamento de Lingüística. Tenho que dizer de público o meu “Muito obrigado!” a cada um.

Congratulando-me com eles pela iniciativa de celebrar tão condignamente o centenário de Mikhail Bakhtin, vou aproveitar a oportunidade para falar um pouco sobre a importância de sua obra em nosso trabalho, a tal ponto que se torna impossível pensar nele sem essa contribuição. Concentro-me, pois, agora em minha experiência pessoal.

Outro dia, um jornalista me perguntou, em entrevista, como eu cheguei a conhecê-la tão cedo. Pois bem, só tenho a dizer que eu a conheci, na realidade, quando deixar de procurá-la seria de minha parte uma falha bastante grave. No início da década de 1960, eu era o responsável pelo curso de russo da USP e tentava familiarizar-me com a crítica russa e os estudos de eslavística no Ocidente. Isso, evidentemente, fazia parte das minhas atribuições.

A primeira edição de obra de Bakhtin, após sua prisão em 1929, seguida de um período de residência forçada num lugarejo na fronteira do Cazaquistão com a Sibéria, foi a de *Problemas da poética de Dostoiévski* em 1963. Na época, seu nome estava começando a deixar de ser tabu; ora numa ora noutra obra de referência

* Palestra inaugural do Colóquio Dialogismo: 100 Anos de Bakhtin, organizado pelo Departamento de Lingüística da Universidade de São Paulo e que se realizou de 16 a 18 de novembro de 1995.

** Escritor, crítico e tradutor da Universidade de São Paulo.

na Rússia, já aparecia uma alusão a seu livro de 1929 sobre Dostoiévski e, sobretudo, ao artigo que lhe dedicara o crítico marxista A. V. Lunatchárski. Neste se reconhecia a importância da contribuição bakhtiniana, mas punham-se em questão algumas de suas afirmações, sobretudo a de que Dostoiévski teria sido o grande iniciador do “polifônico” em literatura, embora, afirmava o crítico, esses elementos já se encontrassem, por exemplo, na obra de Shakespeare. Isso punha em dúvida a própria concepção de Bakhtin sobre teatro, que seria, segundo este, essencialmente monológico (mais tarde, ele admitiria alguns elementos de dialogismo no “teatro social moderno”, ao qual ele se refere sem maior especificação).

Mas o que houve antes do primeiro livro de Bakhtin publicado na Rússia na década de 1960? Não se pode dizer que seu nome estivesse completamente excluído dos estudos literários. Se ele não aparecia na União Soviética em enciclopédias, dicionários de literatura etc., no Ocidente os especialistas referiam-se às vezes ao seu nome, ligando-o sempre aos estudos dostoiévskianos, porém o acesso a seus textos era muito difícil.

Já a sua grande voga nos países ocidentais, a partir de meados dos anos 1960, repercutiu praticamente em todo o mundo da cultura. Em nosso meio, porém, era quase impossível conseguir seus textos no original. Em 1964, as livrarias russas em nosso país tiveram todos os seus livros retirados para “exame”, numa verdadeira operação militar que acabaria em incineração pura e simples. Os que assistiram a isso lembram-se de volumes aos milhares espalhados pelo chão, na Rua Direita e na 24 de Maio, e pisados pelas botas dos militares encarregados de recolhê-los. (Cheguei a encaminhar então ao *Correio da Manhã* um artigo sobre esse episódio, mas, apesar da atitude corajosa desse jornal em face da ditadura, ele não foi publicado.) Ora, nessas condições, como tratar de Bakhtin e dialogismo? Vámos na prática, sem saber ainda, a demonstração mais palpável da razão que tinha o teórico, ao afirmar que a linguagem autoritária reduz tudo a uma única voz, sufocando a variedade e a riqueza que existem na comunicação humana.

Passado esse primeiro momento de brutalidade e violência, os livros russos continuaram chegando, mas com muita dificuldade e, depois de algum tempo, com a instituição da censura prévia, freqüentemente passaram a ser devolvidos ao remetente, com a alegação de serem “subversivos”, mesmo no caso de obras clássicas de ficção e poesia.

Lembro esses fatos não apenas como rememoração histórica factual, mas para que pensem um pouco em como estávamos predispostos a receber a lição de Bakhtin sobre a importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo — uma lição essencialmente de afirmação democrática e antiautoritária, partida de alguém que era vítima direta da violência stalinista. Mais tarde, aprenderíamos em sua obra uma outra grande lição: o hino à alegria e ao riso, acompanhado do reconhecimento da importância, para a cultura, de elementos que foram sufocados durante séculos pela repressão social — o sexo, o dionisíaco na relação com o mundo, o que há de vital em tudo o que se relaciona com as partes baixas do corpo. Em suma, algo muito próximo do que já nos transmitira Nietzsche, embora com pressupostos filosóficos bem diferentes. (Essa proximidade entre Nietzsche e Bakhtin foi então ressaltada particularmente pelo meu amigo Jacó Guinsburg, em seminários em sua casa, dirigidos pelo sempre lembrado Anatol Rosenfeld.)

No entanto, o sufoco em que vivíamos a partir de 1964 era tão grande, era tão difícil tomar conhecimento do que havia de importante no mundo, que, em minha viagem à Rússia em 1965, para um seminário de um mês sobre o ensino da língua russa, não procurei conseguir textos de Bakhtin: era para mim apenas uma referência vaga, no meio de muitos outros nomes.

Foi somente a partir de fins da década que o meu interesse por ele se intensificou. O primeiro texto seu que li foi uma tradução italiana de *Problemas da poética de Dostoiévski*, que é de 1968. Fiquei simplesmente fascinado e passei a utilizá-lo intensamente em minhas aulas de pós-graduação sobre Dostoiévski. E a partir de 1971, comecei a discutir suas idéias na imprensa.

Esses meus primeiros contatos com sua obra resultaram em dois livros: *Dostoiévski prosa poesia*¹ e *Turbilhão e semente — Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin*.²

O primeiro era, com ligeiras modificações, minha tese de livre-docência, defendida em 1974, que saiu em livro em 1982, intervalo de tempo devido unicamente à demora com que introduzi nele as poucas modificações que me pareceram necessárias. Era essencialmente o estudo de um conto de Dostoiévski, “O senhor Prokhardtchin”, estudo esse que se beneficiou muito da obra de Bakhtin sobre o romancista.

Se nesse caso a abordagem que fiz não apresenta, ao que me parece, problemas de monta, o mesmo não posso dizer do segundo desses livros, *Turbilhão e semente*, reunião de artigos publicados antes na imprensa, acrescidos de uns poucos textos escritos para o volume (ele foi entregue à Livraria Duas Cidades em 1981, mas sairia dois anos depois).

Quando examino hoje esse livro, constato que ficaram registrados nele os contatos que tive com a obra bakhtiniana, inclusive os momentos de dúvida e vacilação, minhas incertezas e indagações (chego a afirmar ali que Bakhtin “faz a terra tremer sob os pés de um professor de literatura”). E é assim que deve ser encarado atualmente. Ademais, há nele certas deficiências de informação que foram típicas dos estudos bakhtinianos naqueles anos. Assim, os dados biográficos não se beneficiaram com os materiais sobre o percurso de Bakhtin, que foram saindo na Rússia (em tiragens muito limitadas) sobretudo a partir do 75º aniversário de seu nascimento (1970).

Certas reflexões que ali figuram representam o que eu penso de Bakhtin até hoje, mas outras já me parecem completamente superadas. No que se refere ao pensamento bakhtiniano, creio que

¹ Boris Schnaiderman, *Dostoiévski prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

² Idem, *Turbilhão e semente — Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

eu estava na época muito marcado pela leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem* e mesmo por algumas formulações bem materialistas do livro sobre Rabelais; em conseqüência disso, demonstrei perplexidade ante formulações idealistas num pensador que teria sido essencialmente marxista. Atualmente, vejo isso de modo bem diferente. Acho que em Bakhtin coexistem um homem religioso e um marxista, dialogando entre si. É o dialogismo, aparecendo soberano na própria vida de quem teorizou sobre ele. Não cabe, pois, levantar dúvidas desse tipo sobre um pensador que concebe tudo em confronto, em diálogo, e para quem o importante é, sobretudo, a manifestação das diferentes vozes.

Utilizei há pouco a palavra “pensador” em relação a Bakhtin, o que me parece perfeitamente correto. Mas podemos considerá-lo um filósofo? Há quem o defina como tal. É o caso do norte-americano Michael Holquist, que já desenvolveu um trabalho importante no estudo da obra de Bakhtin. Mas há também quem conteste isso. Realmente, temos de concordar com Holquist em que Bakhtin soube antecipar muitas colocações da filosofia de nosso século, particularmente algumas de Sartre e Heidegger. Mas, na verdade, ele não desenvolveu suficientemente algumas de suas colocações filosóficas. Cheguei a insistir em *Turbilhão e semente* em uma dessas questões: qual é, na concepção que nos apresenta, a relação entre dialogismo e dialética? Em determinadas passagens, chega a tratar do primeiro como um fato dialético, mas, em outras, parece desejoso de questionar a dialética hegeliana: pelo menos, volta-se contra certas formulações de seus seguidores. Não teria falado mais alto, no caso, a impossibilidade de discutir essa questão a fundo, nas condições então vigentes em seu país? Não teria sido esse o motivo principal de ter-se desviado dos trabalhos estritamente filosóficos, para concentrar-se em temas literários? Algumas de suas formulações, porém, permitem conceber o dialogismo como algo inerente ao mundo em que vivemos e, nesse sentido, mesmo na fase de sua concentração em obras literárias, é evidente nele uma abordagem filosófica. E, em seus

cadernos dessa fase, há muitas observações filosóficas bem agudas, conforme cheguei a apontar em *Turbilhão e semente*.

Aliás, devo constatar que Bakhtin foi importante para mim em todos os estudos que empreendi desde aquela época. Nos últimos tempos, conforme se constata por vários trabalhos que publiquei, ando particularmente interessado em abordagens bakhtinianas da literatura brasileira. Na minha opinião, elas permitem uma visada crítica enriquecedora em relação a muitos de nossos autores. Vejamos agora apenas um exemplo.

Dalton Trevisan foi quase sempre considerado pela crítica um autor, por assim dizer, “de uma corda só”, um ficcionista monológico, que reduziria tudo a uma visão única. Aliás, isso chegou a ser afirmado com base na teorização de Bakhtin.

Mas em seus últimos livros surge uma expressão diferente: pelo menos, a voz do narrador se dirige com frequência a um interlocutor desconhecido e aparece uma expectativa tensa em relação a esse receptor enigmático. Há um jogo entre enunciação e enunciado e o narrador chega a atacar o autor, identificando-o com o “vampiro de Curitiba” e fazendo coro com a crítica mais rabugenta.³ Essa voz do narrador adquire múltiplos tons, passando a oscilar entre o lírico e o crítico, entre poesia e prosa, entre o sublime e o ignóbil.

Ademais, aquela noção que Bakhtin nos dá, no sentido de que toda obra na realidade está dialogando com outras obras, que, graças a Júlia Kristeva, se acabou consagrando com o nome de intertextualidade, fornece elementos muito esclarecedores sobre essa fase de nosso ficcionista.

Vejamos, no livro *Em busca de Curitiba perdida*, o texto “Curitiba revisitada”. Quando o lemos, surgem dezenas de diálogos com outras obras. É o velho *tópos* da volta a um lugar de afeição, como foi expresso em nossa língua por Francisco Rodrigues Lobo: “Fermoso Tejo meu, quão diferente/ Te vejo agora, tu me vês e viste”

³ Cf. “Quem tem medo de vampiro?”, in Dalton Trevisan, *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

e que repercute em Dalton Trevisan: “não te reconheço Curitiba a mim já não reconheço/ a mesma não é outro eu sou”. Está no mesmo tom daquele soneto de Gregório de Matos: “Triste Bahia, quão dessemelhante...” e de tantos outros textos que se poderiam citar.

Parece que Dalton está particularmente sensível, nos últimos anos, a esse diálogo através dos séculos, e em sua obra os exemplos dessa intertextualidade passam a aparecer às dezenas. E a presença da literatura, de um modo vital, passa a ser tão intensa que o autor acaba fundindo ficção e ensaio no mesmo escrito.

Essa riqueza de elementos dialógicos em seus últimos livros fez-me indagar: e os livros anteriores? Seriam eles tão monológicos como quer boa parte de nossa crítica? Relendo-os, constato que realmente em boa parte deles predomina a voz do narrador, que organiza o discurso. Mas, ora em uma, ora em outra passagem, e isso num tempo em que nem se falava de Bakhtin em nosso meio, o dialogismo aparece soberano.

Vejamos o conto “A noiva do diabo”, no livro *A guerra conjugal*, que tenho agora em mãos.⁴

Ali aparece uma conversa a três: Maria, mulher de João; Epoinina, mãe de Maria; e o “padrinho”, que não se sabe exatamente quem seja. São três vozes bem definidas e marcadas, cada personagem se define unicamente pelo que ela diz. Mas, na fala dos três, repercutem as vozes de outras personagens: João; o pai de Maria; a avó de João; a filha de João e Maria. E há um processo contínuo de diálogo dentro do diálogo, de uma voz que repercute em outra voz, tal como Bakhtin nos mostrou em relação aos romances de Dostoiévski.

Análises desse tipo têm sido feitas em relação a outras obras da literatura brasileira, tanto por mim como por outros pesquisadores.

Passado o primeiro momento de perplexidade, quando o nosso meio cultural tomou conhecimento da obra de Bakhtin e houve

⁴ Dalton Trevisan, *A guerra conjugal*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

muitos equívocos e descaminhos, acabaram aparecendo estudos sérios que se baseavam na obra de Bakhtin. Não vou fazer aqui um balanço do que apareceu de mais importante, não pretendo assumir o papel de juiz e determinar uma escala de valores. No entanto, quero referir-me a alguns trabalhos que me são muito próximos e cujo desenvolvimento acompanho com um sentimento de admiração.

Evidentemente me é muito caro o que Jerusa Pires Ferreira vem produzindo e que já deu resultados bem promissores, com a utilização de procedimentos bakhtinianos no estudo de nossa cultura popular. Aliás, devo também a Jerusa o contato com a obra de Paul Zumthor, que foi sem dúvida um interlocutor importante em relação à obra bakhtiniana, tanto na sua aproximação com esta como na contestação de algumas afirmações.

Venho acompanhando com muito interesse o trabalho de Paulo Bezerra, suas traduções e o relacionamento que tem feito entre obras de nossa literatura e a “sátira menipéica”, no sentido com que Bakhtin utilizou essa expressão.

E é também com admiração que acompanho os estudos do grupo que organizou este seminário. Vejam bem, não se trata de um dever de cortesia, mas a expressão sincera da gratidão que sinto pelo que aprendi com esses trabalhos, sobretudo quanto ao relacionamento da obra bakhtiniana com o que a lingüística dos anos recentes nos tem ensinado.

Agora, para finalizar esta exposição, quero pensar um pouco em quais seriam os caminhos mais importantes para os estudos bakhtinianos hoje em dia. A meu ver, por mais relevância que tenham os trabalhos de teoria literária baseados em Bakhtin, e por mais que eles ainda nos possam dar, o que ele deixou delineado para a exploração de outros campos parece particularmente rico em sugestões.

Aliás, essa fecundidade de emprego dos métodos bakhtinianos já foi pressentida no Brasil por vários estudiosos. Vejamos apenas dois exemplos, e mais uma vez, sem desmerecer outros trabalhos